

A ALEMANHA ENSANGUENTADA DE AQUILINO RIBEIRO: O TESTEMUNHO DE UM AUTOR PORTUGUÊS SOBRE O DESEJO DE VINGANÇA ALEMÃO NASCIDO DE VERSAILLES

THE ALEMANHA ENSANGUENTADA OF AQUILINO RIBEIRO: THE TESTIMONY OF A PORTUGUESE AUTHOR ABOUT THE GERMAN DESIRE OF REVENGE BORN OF VERSAILLES

Marisa Alexandra Santos Fernandes

Doutoranda em Estudos Estratégicos
Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
Universidade de Lisboa
Investigadora do Centro de Estudos Estratégicos do Atlântico
Investigadora Associada do CISDI
Lisboa, Portugal
marisaasfernandes@gmail.com

Título Abreviado: *A Alemanha Ensanguentada* de Aquilino Ribeiro

Resumo

Este artigo pretende demonstrar através da obra *Alemanha Ensanguentada* de Aquilino Ribeiro (1885-1963) o modo como o Tratado de Versailles foi recebido pelos alemães logo após a Primeira Guerra Mundial. E coloca em evidência a possibilidade das imposições deste Tratado terem fomentado o desejo de vingança dos alemães e alimentado a vontade de desforra numa outra Guerra Mundial.

Por outro lado, a oposição a Versailles parece ter sido também uma das razões para o surgimento da Geopolítica na Alemanha no período imediato à Grande Guerra, como aqui se procura salientar.

Finalmente, destaca-se o papel do desenvolvimento da cultura e das relações de sentimento notado por Albert Einstein (1879-1955) e Sigmund Freud (1856-1939), em particular através do conhecimento de línguas estrangeiras, como forma de fomentar a Paz.

Palavras-chave: Alemanha Ensanguentada, Aquilino Ribeiro, Tratado de Versailles, Primeira Guerra Mundial, Guerra, Geopolítica.

Como citar este artigo: Fernandes, M., 2014. *A Alemanha Ensanguentada de Aquilino Ribeiro: O Testemunho de um Autor Português Sobre o Desejo de Vingança Alemão Nascido de Versailles*. Revista de Ciências Militares, novembro de 2014 II (2), pp. 221-242.
Disponível em: <http://www.iesm.pt/cisdi/index.php/publicacoes/revista-de-ciencias-militares/edicoes>.

Abstract

This article tries to demonstrate through the work *Alemanha Ensanguentada* of Aquilino Ribeiro (1885-1963) how the Versailles Treaty was received by the Germans after the First World War. And it highlights the possibility of this Treaty's impositions have promoted the German desire for revenge that would culminate with the beginning of another World War.

On the other hand, the opposition to Versailles seems to have been one reason (among others) for the emergence of Geopolitics in Germany immediately after the Great War period, as we try to point out here.

Finally, we emphasize the role of the development of culture and of relations based in feelings as noted by Albert Einstein (1879-1955) and Sigmund Freud (1856-1939), in particular through the knowledge of foreign languages as a way to foster peace.

Keywords: Alemanha Ensanguentada, Aquilino Ribeiro, Treaty of Versailles, First World War, War, Geopolitics.

Introdução

O presente artigo pretende demonstrar, através da prosa de Aquilino Ribeiro (1885-1963) em a *Alemanha Ensanguentada* (1935), que o modo como o Tratado de Versailles (1919) foi concebido, aproximou-o e tornou-o mais um Tratado originador ou fomentador da Grande Guerra de 1939-1945 do que propriamente um Tratado para e pela Paz.

É, neste contexto, e tendo como ponto de partida a obra *Alemanha Ensanguentada* que se procurará salientar a situação em que os alemães viviam e como se sentiam no período pós Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e, sobretudo, imediatamente a seguir às imposições do Tratado de 1919, bem como o nascimento da Geopolítica na Alemanha enquanto uma reação igualmente alemã ao referido Tratado.

Procura-se também compreender em que medida é que, dada a existência de um tempo tribio (Moreira, 2005) na realidade social (em que o Presente é fruto da conjuntura e consequência do Passado acontecido e uma preparação do futuro cujo acontecer se aproxima), o Tratado de Versailles se constituiu como uma vingança francesa à derrota sofrida na Guerra Franco-Prussiana (1870/1871) e, em particular, à perda dos territórios da Alsácia e Lorena, estimulando o também posterior desejo de *revanche* alemão que alimentaria a subida de Adolf Hitler ao poder em 1933 e, conseqüentemente, culminaria com o início da Segunda Guerra Mundial em 1939.

Estando assente em fontes primárias (Ribeiro, Jünger, Haffner, Haushofer, Hitler, Einstein e Freud) e secundárias no que respeita às abordagens de alguns autores (Barrento e Braga; Allen, Aly, Fischer, Graebner, Henig, Lichtenberger, Milza, Opitz, Patrício, Schulze e Weitz; Almeida, Defarges, Fernandes, Losano, Silva, Vives e Tuathail) relativamente à obra de Aquilino Ribeiro, ao fim da Primeira Guerra Mundial, ao contexto em que foi elaborado o Tratado de Versailles, à República de Weimar e à chegada ao poder de Adolf Hitler e, por fim,

quanto ao surgimento da Geopolítica na Alemanha no período entre Guerras respectivamente. O presente artigo encontra-se dividido em quatro partes principais.

A primeira parte, intitulada “O Autor Português Aquilino Ribeiro (1885-1963) e a Obra *Alemanha Ensanguentada*”, começa por aquela que foi a vida de Aquilino Ribeiro, abordando seguidamente o modo como o autor português tomou contacto com a Alemanha. Esta parte termina ainda com uma contextualização da obra *Alemanha Ensanguentada*.

Relativamente à segunda parte, “O Tratado de Versailles: Um *Diktat*”, esta demonstra em que consistiu, no essencial, o Tratado de Versailles para a Alemanha. Um Tratado em cuja elaboração a Alemanha não participou e que acentuou a situação de “crise” em que o país havia mergulhado com a Primeira Guerra Mundial. Foi, pois, a garantia francesa do isolamento e enfraquecimento alemão.

A terceira parte “A Reação Alemã ao Tratado de Versailles” caracteriza primeiramente o modo como Aquilino Ribeiro encara, *in loco*, o impacto deste Tratado na vida dos alemães e, em seguida, contextualiza o surgimento da Geopolítica na Alemanha como a perseguição do desejo de subverter o Tratado de Versailles. Aqui aborda-se a evolução da Escola de Geopolítica Alemã, desde 1919 a 1945, assumindo-se o ano de 1933 como um ponto de viragem; destaca-se a figura de Karl Haushofer, enquanto mentor da Escola Alemã de Geopolítica, e quais as inspirações e influências no seu pensamento geopolítico; e apresentam-se as relações entre a Geopolítica de Haushofer, o Nacional-Socialismo de Hitler e a Guerra.

Por fim, a quarta parte intitulada “Para e Pela Paz: O Contributo de Albert Einstein (1879-1955) e de Sigmund Freud (1856-1939)” salienta a importância do desenvolvimento da cultura e das relações de sentimento, que nos leva ao papel do conhecimento de línguas estrangeiras.

1. O Autor Português Aquilino Ribeiro (1885-1963) e a Obra *Alemanha Ensanguentada*

1.1. Aquilino Ribeiro (1885-1963): De jovem mente atribulada a reconhecido escritor

Nasceu em Sernancelhe, na Beira Alta, a 13 de Setembro de 1885 e é considerado como “o maior prosador português do século XX”¹, tendo publicado em vida sessenta e nove livros dos mais diversos géneros literários, como sejam o romance, a novela, o conto, a memória e/ou o diário, o estudo etnográfico e histórico, a biografia, e ainda o livro infantil. Fez também traduções, sem que o seu nome surgisse nas mesmas, lembrando-o no seu livro de memórias, *Um Escritor Confessa-se*, “Os livros que eu traduzira via-os pimpantes nos escaparates, mas calavam-se muito calados sobre quem fora o *nègre* que os passara a português” (Ribeiro, 2008, p. 165). Tornou-se num reconhecido autor da literatura portuguesa do século XX, ainda que no início e contra a vontade materna tivesse preferido as letras a uma carreira eclesiástica e como referiu “não obstante os esforços que fazia, comecei a levar uma existência atribulada. (...) continuava a escrever, equilibrando-me miraculosamente nos arames, quanto a finanças.”

¹ Instituto Português do Livro e das Bibliotecas. S.d. *Biografia Aquilino Ribeiro*. [Em linha] Lisboa: IPLB. Disponível em: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9659> [Consult. 18 Mar. 2013].

No entanto, nem por isso desistiu. Continuou insistindo e persistindo. Alcançou. Daí que o seu ex-libris seja “Alcança quem não cansa”².

Original, Aquilino Ribeiro não seguiu nenhum dos movimentos literários de que foi contemporâneo (como o Modernismo, o Presencismo ou o Neorrealismo), mas tal não impediu que em 1933 recebesse o Prémio Ricardo Malheiros, da Academia das Ciências de Lisboa, por *As Três Mulheres de Sansão*, e em 1935 fosse eleito sócio correspondente desta mesma instituição, passando a sócio efectivo em 1957. Reconhecido dentro e fora de Portugal, a sua candidatura a Prémio Nobel da Literatura foi apoiada por várias personalidades como Francisco Vieira de Almeida, José Cardoso Pires, David Mourão-Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues, José Gomes Ferreira, Joel Serrão, Mário Soares, Vitorino Nemésio, Abel Manta, Alves Redol e Vergílio Ferreira em 1960; foi homenageado no Brasil em 1952; e aquando do processo-crime instaurado por ocasião da publicação de *Quando os Lobos Uivam* em 1958, uma obra considerada como injuriosa contra o Estado Novo, conseguiu que o mesmo terminasse arquivado após ter sido amnistiado graças ao apoio que recebeu uma vez mais dentro (através de um abaixo-assinado de cerca de trezentos intelectuais portugueses e da defesa conduzida pelo advogado Heliodoro Caldeira) e fora do país e, neste último caso, proveniente de França, de uma petição assinada por nomes como François Mauriac, Louis Aragon e André Maurois, depois publicada na imprensa francesa.

Após ter entrado no Seminário de Beja por vontade da mãe, onde “A disciplina era branda e não se esfolavam os joelhos a rezar.” (...) Certo, certo, sobretudo era emborcar-se a ciência tomística e canónica sem grande queimação de pestanas” até porque “era ali o refúgio dos rebeldes, dos cábulas e daqueles que encaravam o sacerdócio como uma profissão igual à de mestre-escola ou de veterinário” (Ribeiro, 2008, p. 43) e donde viria a ser expulso, Aquilino Ribeiro veio para Lisboa em 1906 e começou por escrever artigos de opinião para jornais como *A Vanguarda*, um jornal Republicano, dedicando-se igualmente à tradução de obras e a convite do futuro regicida Alfredo Costa (1885-1908) à redacção do folheto *A Filha do Jardineiro*, um misto de ficção com propaganda a favor do Republicanismo e crítica ao regime Monárquico, em particular à figura do Rei D. Carlos (1863-1908), penúltimo Rei de Portugal.

Na sequência do Regicídio de 1908, no qual não participou embora mantivesse relações com dois regicidas Alfredo Costa e Manuel Buiça (1876-1908) que conhecera no Café Gelo, no Rossio, e estivesse a par dos preparativos que visavam derrubar João Franco (1855-1929) e não o Rei (Ribeiro, 2008, pp. 265-273) como se depreende a partir da leitura de *Um Escritor Confessa-se*, Aquilino Ribeiro decidiu emigrar com destino a Paris, já que não havia sido abrangido pelo decreto de amnistia (Ribeiro, 2008, p. 305). Recorde-se que o escritor fugira da prisão, para onde tinha sido levado no seguimento de uma explosão de bombas decorrida na Rua do Carrião, onde morava. Sobreviveria a esta explosão, mas morreriam o médico Gonçalves Lopes e o comerciante Belmonte de Lemos que mantinham ligação com Luz de Almeida, “um dos cabecilhas” (Ribeiro, 2008, p. 187) da Carbonária e também o responsável

² Instituto Camões. S.d. *Figuras da Cultura Portuguesa: Aquilino Ribeiro*. [Em linha] Lisboa: Instituto Camões. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/1398-aquilino-ribeiro.html> [Consult. 18 Mar. 2013].

pelo pedido a Aquilino Ribeiro para que este guardasse no seu quarto “a metralha” “por algum tempo” (Ribeiro, 2008, p. 188).

Foi, então, em Paris que se deu o seu primeiro contacto com a Alemanha, como veremos. Iniciada a Primeira Guerra Mundial, regressou a Portugal, onde continuou a ocupar-se da escrita de ficção, mas também da escrita de crónicas para a imprensa periódica. Foi professor no Liceu Camões (hoje Escola Secundária de Camões) durante três anos e, posteriormente, em 1919 assumiu o cargo de segundo bibliotecário na Biblioteca Nacional a convite de Raul Proença. Em 1921 integrou a direção da “Seara Nova”, e em 1956 fundou a Sociedade Portuguesa de Escritores, tornando-se no seu primeiro Presidente.

Politicamente, e enquanto Republicano, para além da polémica em torno da sua eventual ligação ao Regicídio acentuada com a transladação dos seus restos mortais para o Panteão Nacional em 2007³, participou em 1927 na fracassada revolta contra a Ditadura Militar saída do Golpe de Estado de 28 de Maio de 1926 e, conseqüentemente, exilou-se em Paris. Participou depois no movimento do regimento do Pinhel em 1928, sendo preso na prisão do Fontelo, em Viseu. Conseguiu fugir uma vez mais para o exílio em Paris, regressando em 1932, já casado em segundas núpcias com Jerónima Dantas Machado (1897-1987), filha do Presidente deposto Bernardino Machado (1851-1944), e com o seu segundo filho (e único deste matrimónio) Aquilino Ribeiro Machado (1930-2012). Nesse mesmo ano foi amnistiado e fixou-se na Cruz Quebrada, dedicando-se a partir daí totalmente à escrita.

Adoeceu inesperadamente em 1963, tendo falecido, a 27 de Maio, no Hospital da CUF. A Sociedade Portuguesa de Escritores preparava, na altura, uma homenagem ao autor com o intuito de festejar o cinquentenário da publicação do seu primeiro livro, *Jardim das Tormentas*. Este ano (2013) comemoram-se os cinquenta anos da morte de Aquilino Ribeiro, “um escritor cotovia”⁴ tal como o designou o filho Aquilino Ribeiro Machado.

1.2. O Contacto de Aquilino Ribeiro com a Alemanha

Foi em Paris, na Sorbonne, onde se encontrava a frequentar o curso de Filosofia e Sociologia – o autor fugira de Portugal, pois “tomara parte na luta contra o ditador João Franco” (Ribeiro, 2008, p. 327) -, que Aquilino Ribeiro conheceu e se apaixonou por Grete Tiedemann (c.1890-1927), uma jovem alemã oriunda do Norte da Alemanha, do Estado de Mecklenburg-Vorpommern, filha de um advogado e banqueiro e a que se referiu do seguinte modo: “chapéu largo de palha, saia azul de pregas contra a blusa de seda, imaculadamente branca. (...) Lancei-me no seu encalço. Eram duas alemãzitas (...), marchando com a segurança e o à-vontade peculiares da sua raça. Vinham a Paris fazer um curso de

³ Público. 2007. Aquilino Ribeiro vai partilhar a sala do Panteão Nacional com Humberto Delgado. [Em linha] Lisboa: Público. Disponível em <http://www.publico.pt/politica/noticia/aquilino-ribeiro-vai-partilhar-a-sala-do-panteao-nacional-com-humberto-delgado-1305225> [Consult. 18 Mar. 2013] e Público. 2007. Restos mortais de Aquilino Ribeiro vão para o Panteão Nacional. [Em linha] Lisboa: Público. Disponível em: <http://www.publico.pt/cultura/noticia/restos-mortais-de-aquilino-ribeiro-va-para-o-panteao-nacional-1288718> [Consult. 18 Mar. 2013].

⁴ Expresso. 2007. *Aquilino Ribeiro: Figura marcante da história mas sobretudo da literatura portuguesa* – Filho. [Em linha] Lisboa: Expresso. Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/aquilino-ribeiro-figura-marcante-da-historia-mas-sobretudo-da-literatura-portuguesa-filho=f118578> [Consult. 18 Mar. 2013].

aperfeiçoamento. No dia seguinte passeava com uma delas no jardim de Luxemburgo; (...)” (Ribeiro, 2008, p. 326).

Aquilino Ribeiro foi conhecer a família da jovem à Alemanha, em 1912, tendo-se casado com Grete no ano seguinte em Schwerine regressado a Paris. Em 1914, nasceu o único filho do casal, Aníbal Aquilino Fritz Tiedemann Ribeiro (1914-1999), mas alguns meses depois de iniciada a Primeira Guerra Mundial, a família veio para Portugal.

1.3. A Obra *Alemanha Ensanguentada* (1935)

A *Alemanha Ensanguentada* foi publicada pela primeira vez em 1935, embora se trate de um diário de viagem escrito durante o regresso de Aquilino Ribeiro à Alemanha alguns anos antes, em 1920, entre os meses de Setembro e Novembro, após o termo da Primeira Guerra Mundial. Neste contexto, e de acordo com João Barrento, Aquilino Ribeiro enquanto escritor assume a figura de mediador, a partir da qual se verifica o surgimento das “obras como pontes entre realidades que, historicamente, nem sempre estiveram tão próximas como hoje: estas metáforas apontam para uma via dupla de aproximação ao outro, a de uma *vontade de conhecimento* e a da *transfiguração* desse outro. Toda a imagem do outro é uma ficção do outro, e o postulado aplica-se, naturalmente, também ao caso vertente de Portugal e da Alemanha”⁵.

A obra em causa assume-se, assim, como um relato português da realidade alemã e, por consequência, um meio de aproximação entre dois países com características distintas senão mesmo opostas a começar desde logo pela posição geopolítica ocupada por cada um deles, o que de acordo com o Determinismo Geográfico de que foram seguidores os alemães Immanuel Kant (1724-1804), Friedrich Hegel (1770-1831) ou Friedrich Ratzel (1804-1904), só para referir alguns exemplos, influi diretamente e sobretudo no carácter dos povos, na sua história e na forma como se origina e expressa o seu poder.⁶ Embora, seja de referir que na atualidade são vários os casos que demonstram a superação da ideia do Determinismo Geográfico, destacando-se o desenvolvimento tecnológico como um dos mais notórios na redução da importância dos fatores estáveis do espaço geopolítico.

Deste modo, a *Alemanha Ensanguentada* surge seguindo a lógica também evidenciada por Barrento: “Os escritores, por mais ciosos que sejam da sua autonomia, não são ilhas, e a literatura europeia toma consciência disso no momento em que Goethe, no princípio do século XIX, anuncia o advento de uma época da «literatura mundial», um primeiro projeto de «globalização» literária, ainda à escala europeia”⁷.

Habitualmente pouco conhecida, a presente obra constitui-se por duas partes: uma primeira parte, mais extensa, intitulada “Da Guerra para a Paz”, e uma segunda parte, menos extensa, intitulada “Nos Campos de Batalha”. Neste estudo atentaremos, sobretudo, em “Da

⁵ Barrento, J., 2005. Os escritores como mediadores. *Suplemento do JL*, [Em linha], 917. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/encarte/encarte93a.htm>, [Consult. a 16 Mar. 2013].

⁶ Basta que recordemos que um é um país marítimo e o outro continental; um é um país localizado no Sul da Europa e outro no Centro da Europa.

⁷ Barrento, J., 2005. Os escritores como mediadores. *Suplemento do JL*, [Em linha], 917. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/encarte/encarte93a.htm>, [Consult. a 16 Mar. 2013].

Guerra para a Paz”, a parte principal da obra, e também aquela onde se apreende a reação alemã ao Tratado de Versailles.

2. O Tratado de Versailles: Um *Diktat*

A Primeira Guerra Mundial terminou com a assinatura de um armistício a 11 de Novembro de 1918, a que se seguiria a assinatura do Tratado de Versailles a 28 de Junho de 1919, em cujas negociações prévias a Alemanha não tinha sido autorizada a participar (Milza, 2007, pp. 9 e 10), o que em boa medida justifica o fato deste Tratado também ser conhecido como *Diktat*. Este foi um documento que os “vencedores” negociaram entre si, ou seja, os EUA, a Grã-Bretanha, a França e a Itália, mas foram sobretudo os três primeiros que decidiram criar uma nova ordem para o século XX, a começar pelo redesenhar de fronteiras.

A Alemanha perdeu território tanto a Oeste como a Este que considerava intrínseco ao seu espaço geopolítico: a Alsácia e Lorena que seriam devolvidas a França (e que tinha adquirido com a vitória na Guerra Franco-Prussiana de 1870/1871, com a qual obteve a sua unificação política sob o triunfo da ideia de *Kleindeutschland*^{8,9}), a maior parte da Posnânia e da Prússia ocidental ficariam para a Polónia (que, através de Danzig, teria acesso direito ao mar) e a região do Memel juntamente com o grande porto do Báltico ficariam sob controlo da Sociedade das Nações (SDN), sendo que as regiões da Alta Silésia e do Sarre, entre outras, ficariam sujeitas a um referendo popular acerca do seu destino. No essencial, o novo regime de fronteiras violava a geografia política “natural” da Europa Central, tendo-se verificado igualmente a exclusão de milhões de alemães da sua pátria (Murphy, 1997, p. 46).

Por outro lado, o Tratado reduziria drasticamente as suas Forças Armadas (mediante o estabelecimento de um número máximo de efetivos soldados - 100 000 homens, dos quais 4000 eram oficiais – e de marinheiros - 15 000 homens e 1500 oficiais; suprimia-se o serviço militar obrigatório e o Estado-Maior General seria extinto, bem como todas as escolas militares e associações paramilitares¹⁰), impedindo-a de organizar a sua Força Aérea, sendo-lhe igualmente exigido que entregasse grandes quantidades do seu material militar aos aliados. A Alemanha não poderia possuir tanques, nem artilharia pesada, nem aviação militar e deveria entregar a sua frota de guerra (Milza, 2007, pp. 19 e 20).

Adicionalmente, perderia todas as suas colónias, confiadas pela SDN aos vencedores através de mandatos, estando também impedida de fazer parte desta e de concluir acordos com a Áustria. Ademais, convém referir que o artigo 231.º consignava a Alemanha (e os seus

⁸ Pequena Alemanha.

⁹ Tratou-se da unificação dos territórios alemães num Império, excluindo a Áustria, sob a regência de um imperador hereditário prussiano, Guilherme I (Schulze, 2005, pp. 103 e 129). A opção *Kleindeutschland* assentava para Otto von Bismarck (1815-1898) na concretização do seu primordial objetivo, aquando da sua nomeação como Chanceler, a unidade da Alemanha (Fischer, 2007, p. 49). Esta unidade seria impossível de obter mediante a inclusão da Áustria-Hungria multinacional – de acordo com o que era defendido pela ideia pangermanista de *Großdeutschland* [grande Alemanha] – que, por um lado, era constituída apenas por um quarto de germânicos e, pelo outro, não se encontrava na disposição de aceitar que a Prússia, detentora de supremacia no Norte da Alemanha, se lhe igualasse ou até a superasse (Fischer, 2007, pp. 51 e 52).

¹⁰ Limitavam-se os efetivos dos corpos que tenham uma organização ou uma função de manutenção da ordem semelhante à do exército.

aliados) como a única responsável pela Guerra, o que estabelecia a base legal para a questão das reparações de Guerra cujo valor não se encontrava definido no Tratado (Weitz, 2007, pp. 35 e 36). Porém, em 1921, esse valor acabou por ser fixado, ascendendo a 132 bilhões de marcos-ouro, a pagar num período de trinta anos (Milza, 2007, p. 21)¹¹.

Na mesma linha, é de mencionar que a Alemanha ficava obrigada a dar preferência às importações e às exportações dos aliados. Perdia também todas as suas patentes e os seus principais rios (Reno, Elba, Oder) seriam internacionalizados. As minas do Sarre e da Alta Silésia seriam cedidas à França e à Polónia, sendo igualmente entregues importantes quantidades de carvão e de coque à França, à Itália e à Bélgica. Declarou-se a penhora das empresas alemãs da Lorena desanexada, que ficavam interditas de possuir minas e fábricas siderúrgicas em Mosela, sendo o Luxemburgo impelido a sair do sistema alfandegário e económico alemão (Milza, 2007, pp. 20 e 22).

Efetivamente, ameaçada de invasão pelos três Estados “vencedores” caso não assinasse e ratificasse o Tratado de Versailles, a Alemanha foi obrigada a assiná-lo (Weitz, 2007, p. 37). Um Tratado constituído por quinze partes e quatrocentos e quarenta artigos¹² que, na perspetiva de John Maynard Keynes (1883-1946), autor do livro *The Economic Consequences of the Peace* (1919), era uma “Paz Cartaginesa” (Weitz, 2007, p. 38).

Também na visão de Ribeiro, “ao sair da guerra, rota, faminta, ulcerada, desiludida de Deus e de César, heróica sempre. Começara a operar o *Diktat* de Versalhes ou a cilindração dum povo, à valentona e com meticulosidade chinesa, como se faz à brita das estradas” (Ribeiro, 1975, p. 7).

Com efeito, o Tratado de Versailles, conforme salientado por Silva, acentuou a já existente “sensação generalizada de crise”¹³ política e económica, moral e intelectual, cultural e científica, resultante de uma rápida industrialização, do aumento populacional e da crescente urbanização verificadas na ausência de estruturação económica, política e social, num período de disputas espaciais quer no seio da própria Europa, quer pelas colónias ultramarinas, em busca de mercado consumidor e de matérias-primas.

¹¹ A Alemanha parou este pagamento durante a Segunda Guerra Mundial. A República Federal da Alemanha retomou-o depois, após o fim da Guerra, e liquidou-o em 1983. No entanto, o Acordo de Londres de 1953 estipulava o pagamento de juros sobre os empréstimos contraídos pela República de Weimar para pagamento das reparações de guerra, caso a Alemanha se reunificasse. Assim, e após a verificada reunificação da Alemanha, este pagamento de juros começou em 1996 e só terminou em 2010, a 3 de Outubro, data em que a Alemanha considera que acabou “oficialmente” a Primeira Guerra Mundial. Bild. 2010. *NACH 92 JAHREN. Am Sonntag endet für Deutschland der 1. Weltkrieg*. [Em linha]. Berlin: Bild. Disponível em: <http://www.bild.de/politik/2010/am-sonntag-endet-fuer-deutschland-der-1-weltkrieg-14107970.bild.html> [Consult. 21 Set.2014].

¹² Yale Law School. 2008. *The Versailles Treaty June 28, 1919*. [Em linha] New Haven: YLS.

Disponível em: <http://avalon.law.yale.edu/imt/parti.asp> [Consult. 16 Mar. 2013].

¹³ Silva, A., s.d.. A Geopolítica Alemã na República de Weimar: O Surgimento da Revista de Geopolítica, [Em linha]. Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/estgeo/article/viewFile/265/221>, [Consult. a 15 Fev. 2009].

Fome¹⁴, racionamento alimentar, desemprego e inflação¹⁵ eram a realidade na Alemanha. Muitos dos alemães regressados da Guerra constituíam uma geração perdida; física e/ou psicologicamente não eram já os mesmos que tinham partido em 1914 na ânsia de uma próspera e poderosa Alemanha saída vitoriosa da Guerra. A mulher assumira um papel diferente, obrigada a sair de casa e a trabalhar para se sustentar a si e à família. Desdenhava-se a autoridade. As mentalidades alteraram-se, tendo a fúria da Guerra destruído muitas das convenções sociais e artísticas. Este foi um período destinado a experimentar amor¹⁶, sexo¹⁷, beleza e poder dada a consciência do sentido efêmero da vida proporcionada e acentuada por uma Guerra Total (Weitz, 2007, pp. 9, 11, 13, 24, 27 e 38).

A República de Weimar foi um dos períodos de maior criatividade intelectual e artística, mas ao mesmo tempo de caos na ordem alemã. Politicamente não havia consenso: a direita defendia uma cultura de violência, glorificando a guerra e defendendo a permanência do sentido de solidariedade existente entre os homens no campo de batalha, e a esquerda onde se encontravam também veteranos de guerra via na Revolução Bolchevique um exemplo a seguir (Weitz, 2007, pp. 38 e 39). O próprio governo da República de Weimar, apoiado pela direita política, autorizava disparos contra todos aqueles que fossem apanhados com armas na mão ou fossem trabalhadores a lutar por uma Alemanha mais democrática e socialista (Weitz, 2007, p. 31).

Foi, neste e a este contexto¹⁸, que Adolf Hitler (1889-1945) se adaptou e ascendeu ao poder em 1933, e como referido por Aly (2009, p. 29): “atraiu milhares de pessoas instruídas que tinham perdido a arrogância de classe nas trincheiras da guerra de posições e integrou nas suas fileiras trabalhadores com convicções socialistas, pequenos artesãos e empregados que desejavam um reconhecimento social e melhores oportunidades de vida e emprego para os seus filhos”.

Na verdade, Hitler “prometia tudo a todos”, nomeadamente “a reposição do grande jogo bélico de 1914-1918 e a repetição do saque anarquista e vitorioso de 1923”, suas futuras políticas internacional e económica. “Ele apelava aos dois grandes acontecimentos que haviam marcado a geração mais jovem”, o que facilmente lhe garantiu os “seus verdadeiros discípulos, o cerne do Partido Nazi” (Haffner, 2007, pp. 76, 78 e 82).

¹⁴ Em conformidade com a experiência do alemão Sebastian Haffner (2005, p. 58): “Viam-se mendigos por todo o lado e eram muitas as notícias de suicídios nos jornais. Os cartazes de «Procura-se por Roubo» colados pela polícia nas colunas abundavam, pois os roubos e furtos ocorriam em larga escala. Uma vez vi uma mulher de idade – talvez devesse dizer uma velha senhora – sentada num banco do parque e estranhamente rígida. (...) «Morta», disse alguém. «Morta de fome», afirmou outro.”

¹⁵ “Meio quilo de batatas que, no dia anterior, custava cinquenta mil marcos, valia cem mil no dia seguinte. Um salário de sessenta e cinco mil marcos trazido para casa na sexta-feira, não chegava para comprar um maço de cigarros na quinta” (Haffner, 2005, p. 56).

¹⁶ Ainda segundo Haffner (2005, p. 56): “O amor sem romantismo tornou-se a moda: despreocupado, alegre. Febril. Os assuntos do coração seguiam um curso extremamente veloz, sem rodeios. Os jovens que naqueles dias aprenderam a amar aprenderam a ignorar o romantismo e abraçaram o cinismo.”

¹⁷ Neste sentido, também vale a pena recuperar as palavras de outro alemão, Ernst Jünger (2005, pp. 41-44), de acordo com o qual: “Quanto mais a guerra durava, mais fortemente imprimia a sua marca na vida sexual”, pelo que “Não tinham tempo para se demorarem a fazer a corte, com desenvolvimentos romanescos, na ambiência que continua a ser uma necessidade para a filha dos mais modestos burgueses. Exigiam do instante presente a sua flor e o seu fruto.”

¹⁸ Recorde-se igualmente o surgimento da Depressão Económica de 1928-1930 no acentuar da crise económica, social e política já existente na República de Weimar.

Relativamente à doutrina racista Nacional-Socialista de Hitler, defendida em *Mein Kampf*¹⁹ (1925) contra o plutocrata judeu e o judeu bolchevique, entendidos como a razão dos problemas dos alemães, a mesma foi consentida graças à promessa de trabalho, poder de compra e proteção social garantidas antes e durante a Segunda Guerra Mundial (Aly, 2009, pp. 31, 32, 55, 79, e 92-95)²⁰. Tudo o que os alemães perderam com a Guerra de 1914-1918.

2.1. A Garantia Francesa do Isolamento e Enfraquecimento do Poder da Alemanha

De facto, a França, consciente do potencial demográfico e industrial do *Reich*, pretendia que o Tratado de Versalhes impedisse a Alemanha de recuperar a sua hegemonia continental (Milza, 2007, p. 20). Um dos seus principais objetivos relacionava-se com a vontade de recuperar a Alsácia e Lorena anexada ao Reich, durante a Guerra Franco-Prussiana, em 1871 (Defarges, 2003, p. 101).

A Alsácia e Lorena eram territórios que lhe pertenciam desde 1648, por cedência da Casa dos Habsburgos. Ao ser desprovida dos territórios da Alsácia e da Lorena, províncias de inestimável valor industrial, a França perdera um dos elementos do seu orgulho nacional para a Alemanha. Aliás, “no imaginário coletivo, a Alsácia e Lorena transformou-se em autêntico mito, cuja memória era avivada por canções, poemas, romances e contos que cantavam a história das regiões anexadas pelo *Reich*” (Lichtenberger, 1923, pp. 8 e 11; Patrício, 2007, pp. 86 e 87).

Efetivamente, para a Alemanha, a Alsácia e a Lorena passaram a constituir-se, a partir do Tratado de Frankfurt (1871), como o símbolo da sua unidade, a base da sua existência enquanto Grande Poder na Europa (Lichtenberger, 1923, p. 7).

Nesse sentido, se a política de Bismarck, após a unificação da Alemanha, se caracterizou fundamentalmente por uma política de alianças destinada ao isolamento da França (Opitz, 1998, p. 261), a conduta da França ao planear o Tratado de Versalhes fundamentou-se no ansiado isolamento da Alemanha, pelo que o Estado francês foi mesmo responsável por grande parte do que se encontra disposto nas cláusulas militares e, após o fim da I Guerra Mundial, desenvolveu um projeto siderúrgico, cujo principal objetivo era retirar à Alemanha quase metade do seu potencial energético (Milza, 2007, p. 22).

Até porque a supremacia alemã baseava-se tanto na força militar – possuía o melhor Exército do mundo e também o mais dinâmico Estado-Maior –, como na riqueza em matérias-primas como o carvão, o ferro e o aço. A posse destas matérias-primas contribuiu, em muito, para a crescente industrialização que se começou a verificar nesta, a partir de 1860. Dispondo ainda do território da Lorena, a Alemanha passou a ter maiores recursos carboníferos,

¹⁹ Minha Luta.

²⁰ De referir que para o alemão Haffner (2007, pp. 112-116) foi primeiramente o medo e depois “uma motivação vil e desprezível” que levou a que muitos alemães aderissem e seguissem o Nacional-Socialismo. “Foi a cobardia, a fraqueza e a traição dos adversários de Hitler, que deixaram de a ele se opor, que contribuíram para o fortalecimento do III Reich e que fizeram com que os nazis deixassem de ser um grupo minoritário da sociedade alemã para passarem a acolher, no seu partido, como militantes de espontânea vontade “centenas de milhares de pessoas que até então eram oponentes” (...)” (Fernandes, 2014, pp. 139-140).

preparando-se mesmo para adquirir a supremacia no que ao ferro e ao aço dizia respeito e, deste modo, consolidar o seu Poder Económico.

Primordial para o Estado francês foi igualmente o pagamento das reparações, pois permitir-lhe-iam saldar dívidas contraídas durante a guerra, reconstruir o país, elaborar o orçamento da defesa e equilibrar as finanças públicas, além do que contribuiria para o enfraquecimento alemão (Milza, 2007, p. 63).

Recorde-se também que, na sequência da Guerra Franco-Prussiana, a França fora obrigada a pagar indemnizações pela guerra à Alemanha até Março de 1874, o que provocou um forte abalo no Poder Económico francês. Só depois de concluído esse pagamento é que a Alemanha retiraria as suas tropas dos territórios ocupados, o que Bismarck conseguiu antecipar garantindo a assinatura pela França de uma convenção, a 29 de Junho de 1872. Assim, a evacuação das tropas alemãs que se encontravam em território francês viria a terminar no Outono de 1873 (Patrício, 2007, pp. 86 e 88).

3. A Reação Alemã ao Tratado de Versailles

3.1. Sob o Olhar de Aquilino Ribeiro

De acordo com Aquilino Ribeiro (1975, p. 119), a Paz de Versailles “é o maior labéu da história depois que os homens se matam a ferro”. O autor português considera que esta trouxe consigo vários problemas para a Alemanha, sendo que: “Entre outros desses problemas contavam como mais momentosos: a entrega em dias contados do material de guerra, (...); a remessa de locomotivas e vagões, cláusula ainda do armistício não menos espinhosa de satisfazer que a primeira, pois viria a desorganizar o sistema de transportes; a desmobilização e refluxo das fronteiras para o interior da massa constelar de nove milhões de homens; o abastecimento da Alemanha, de todo à míngua; a epidemia das greves, que, umas após outras, ameaçavam subverter o pouco de atividade económica que restava (...)” (Ribeiro, 1975, pp. 71 e 72).

Desde logo, Ribeiro (1975, p. 28) chama a atenção do leitor para o sentimento que os alemães tinham pelo facto de terem de entregar as armas, escrevendo: “O Governo (...) Dissolveu o exército, licenciou as milícias, se bem que em Schlossplatz ainda se assista ao render da guarda, cerimónia com pífaros, tambores e salamaleques, que muito boa gente vem ver ao cabo do mundo. Procede ao desarmamento da população e não há tapume, não há edifício público por essa Alemanha que não ostente em filas, filas sobrepostas, filas compactas, um cartaz tarjado de negro, encimado com os dizeres: *Liefert die Waffen ab* (Entregai as armas). (...) torna-se obsessão pelas ruas fora. É o primeiro ato de contrição da Alemanha”.

Também o sentimento de crise, que se acentuou com esta Paz tal como referido anteriormente, refletia-se nos suicídios, sobre os quais Ribeiro (1975, p. 158) refere o seguinte: “Recrudesce por essa Alemanha fora a epidemia dos suicídios. Pois que para o alemão viver se tornou desespero, (...) Decerto se deve atribuir à derrota, no que tem de moral para um povo de brios e cioso da sua grandeza, este estado mórbido. Mas acima de tudo, nele prepondera o fator económico.”

Nas revoltas de mentalidades e valores, pois como destaca o autor português: “As raparigas são as mais atrevidas. Riem, provocam, põem as pernas ao léu, desafiam os nossos apetites com olhos travessos e lânguidos. Reversão dos sexos? Quem sabe lá!” (Ribeiro, 1975, p. 159); e na criminalidade, em relação à qual Ribeiro (1975, pp. 23 e 24) escreve: “E para que no hotel, no restaurante, na rua, a polícia, sollicitamente, cubra as paredes com letreiros deste teor: *Vor Taschen dieben wird gewarnt*²¹ é que são legião os gatunos e malandrins. Previnem-me que se a gente não leva as mãos nas algibeiras a atravessar a rua, se no hotel põe os sapatos fora da porta para engraxar, se não traz de olho o criado que nos serve o enjoativo *Schweinebraten*²², está-se roubado. A decomposição lavra nesta terra, pouco há tão saudável. *Gott mit uns*²³ era legenda enganosa.”

Por outro lado, muitos alemães que se encontravam espalhados pelo mundo, tinham sido forçados a regressar a uma Alemanha, onde nas palavras de Aquilino Ribeiro (1975, p. 89) “O marco baixa cada dia, cada hora, e a vida em contraposição, sobe, vê-se subir como um foguete de lágrimas” e, o desemprego era uma realidade, sendo que neste sentido escreve o autor português: “Donde saiu a enchente que converte em bastos formigueiros os grandes centros e não deixou de engrossar as pequenas terras? Saiu das províncias perdidas pelo Tratado de Versalhes, 80 000 da Alsácia e Lorena, 400 000 de Posen, Pomerânia e Silésia, muitos milhares de Schleswig e alguns milhares de Eupen e Malmedy.” (Ribeiro, 1975, p. 35)

Seguidamente, Ribeiro (1975, p. 35) refere-se de igual modo ao regresso de alemães das ex-colónias: “Veio ainda bom caudal das colónias alemãs, ao mudarem de dono, e dos campos de concentração nos países que declararam guerra aos impérios centrais e foi quase toda a guerra. Acoçados pelo ódio, expulsos por leis de circunstância, ou saudosos ainda de seus lares, os germânicos caíram sobre a terra-mãe em monte como aves migratórias. Daí o dilúvio humano; daí acusar o Reich dentro das atuais fronteiras população superior à de 1913, posto lhe custasse a guerra obra de dois milhões de mortos. Em cafés-restaurantes, hotéis, teatros, superabunda o pessoal de serviço. Por um freguês contar-se-ão dois ou mais servidores. Se dispensais um deles, ouvir-lhes-eis lastimoso: – Não há trabalho; no estrangeiro não nos querem...”

Havia fome, de tal forma que Ribeiro (1975, pp. 52, 54 e 55) aconselha: “Quem for gastrónomo fuja da Alemanha presente. É rara e custa os olhos da cara a carne de vaca e de vitela e os enchidos comportam de tudo, desde fígado de gato a tripas de peixe. (...) - A Alemanha foi-se abaixo pela barriga (...) A boa mesa para o germano é a condição de pensar certo e bem e, não menos de agir com inteligência e atividade. (...) A regra era faltar tudo até leite para os bebés e as mães. O vestuário que todos traziam, desde a criada à ama era de papel.”

E também havia carência de matérias-primas a que os alemães se esforçavam por fazer face, fazendo uso do seu sentido prático e espírito inventivo, como refere Aquilino Ribeiro (1975, p. 81): “Artes e ciências consagraram-se a inventar o produto indispensável à economia

²¹ Cuidado com os carteiristas.

²² Porco assado.

²³ Deus conosco.

nacional e às necessidades da guerra, de importação ou pouco comum no país bloqueado. A química aplicada, entre elas, foi a boa fada despenseira dos alemães. A todas as deficiências procurou dar remédio, matérias da indústria e matérias de alimentação. Que nas vésperas do armistício se descobrira a borracha sintética, capaz de suprir o caucho, ouvi dizer.”

Os alemães estavam, assim, desiludidos com a situação que viviam no período imediato à Primeira Guerra Mundial, como temos vindo a demonstrar recorrendo à prosa do autor português. Estavam desiludidos com as imposições da Paz de Versailles e também com o próprio governo alemão, tal como menciona Ribeiro (1975, p. 115): “Desiludido está, de modo geral, o povo germânico, desiludido de Deus, dos estadistas, da justiça, da força, desiludido desde as unhas dos pés até aos cabelos da cabeça deste governo social-democrata com Ebert na presidência, mantenedor do mais ortodoxo burguesismo para os operários, serventuário nojento dos aliados para os nacionalistas.”

Por fim, um outro aspeto destacado diversas vezes ao longo da primeira parte da *Alemanha Ensanguentada* relaciona-se com o desejo de vingança dos alemães nascido de Versailles, o rastilho para mais outra Grande Guerra. Escreve Ribeiro (1975, p. 28) “Tudo o que se chama armas ligeiras, como espingardas, metralhadoras, lança-chamas, cada um as guarda bem guardadas «para o dia que há-de chegar do desforço». Algumas páginas depois o autor continua “Não sei, mas estou em crer que da paz forjificada tão torpemente em Versalhes ou sai uma Alemanha com todos os instintos da fera que foi traquejada, pronta a dar o salto no momento oportuno, ou uma Alemanha que há-de acabar por se entregar a Lenine de alma e coração” (Ribeiro, 1975, p. 32). E mais adiante, é evidenciado um importante traço da personalidade dos alemães, quando Aquilino Ribeiro (1975, p. 51) refere que “os alemães são tão implacáveis como os outros para aqueles que não souberam capitaneá-los ou os arrastaram ao desastre. (...) O germano, desde que não possa castigar o infeliz, odeia-o e cobre-o de irrisão. E é esta uma forma pesada de represália. A sua irrisão não agatanha, esfolia; não tem como expressão o sorriso irónico, mas a alvar gargalhada; não trata de incutir vergonha mas de inocular veneno. Para ele o êxito é tudo (...)”

Daí que o leitor possa ser levado a associar a Alemanha à figura mitológica grega da Fénix que renasceu das próprias cinzas, pois algumas páginas depois Ribeiro (1975, pp. 98 e 99) escreve “Assim a Alemanha. Retalhem-na, empobrecam-na, sangrem-na bem sangrada, possui vitalidade de sobra para não sucumbir aos tratos que as nações periodicamente se infligem umas às outras com inominável selvajaria.” E o autor insiste mesmo: “Vencida, mas não derrotada, a Alemanha quando puder voltará a desembainhar a espada, no que, de resto, não faz mais que obedecer à estúpida condição humana. A guerra não é a mãe de todas as coisas, como pretendia Heraclito, mas do que ela é mãe com toda a certeza é da guerra (...)” (Ribeiro, 1975, p. 166).

Efetivamente, a Alemanha sobreviveria àquela humilhação e quando se reerguesse almejaría desforra. Aquilino Ribeiro (1975, p. 172) pressente-o: “O povo alemão trazia nos olhos as escamas do que fala a Escritura; a sua alma era um poço de ilusões. O sonho de paz foi de todas elas a mais estupenda e calamitosa. Acabou-se! A árvore do ódio plantaram-na em Versalhes Clemenceau e Loyd George. Os filhos e os netos sentirão por cima das

cabeças a sombra pérfida e comerão os frutos envenenados. (...) Os alemães odeiam; podia humanamente deixar de odiar?”

A parte “Da Guerra para a Paz” é concluída ainda com as seguintes linhas que sintetizam a postura da Alemanha quanto a esta Paz fomentadora da Guerra pelo autor português: “No fundo, a Grande Guerra não foi senão a luta pela posse do planeta. Está-se na última fase de partilhas e o alemão, teórico e devaneador como é, com uma capacidade de realização que supera os demais povos, produto da vontade, não se resigna ao papel de testemunha. Sem hipocrisia que marque, não sabendo distinguir o bem e o mal, apaixonado e violento, forte e primitivo, com um sentido maravilhoso das realidades, oportunista, por agora está na câmara-ardente dos seus dois milhões de mortos, revolvendo no peito a própria miséria. Quando se tiver retemperado, sairá à liça.” (Ribeiro, 1975, pp. 188 e 189).

3.2. Perseguindo o Desejo de subverter Versailles: O Surgimento da Geopolítica

O objetivo de subverter o Tratado tornou-se um traço comum a todos os alemães, constituindo-se igualmente como o ponto de partida para o surgimento do pensamento geopolítico na Alemanha durante a República de Weimar.

Neste contexto, o início da publicação *Zeitschrift für Geopolitik*²⁴ (1924), cujo corpo teórico se fundaria essencialmente a partir dos pensamentos do alemão Friedrich Ratzel e do sueco Rudolf Kjéllen (1864-1922), marcou também o nascimento da Geopolítica na Alemanha da qual Karl Haushofer (1869-1946) ficaria conhecido como o expoente máximo.

3.2.1. A Escola Geopolítica Alemã: antes e depois de 1933

Relativamente à evolução da Escola Geopolítica alemã identificamos a existência de dois principais períodos: um compreendido entre 1919 e 1933 e, outro compreendido entre 1933 e 1945. O ano de 1933, em que se verificou a subida de Adolf Hitler ao poder, assume-se como um ano de viragem. Foi a partir desta altura que, na perspetiva de Vives, a Geopolítica alemã deixou de pertencer ao campo da ciência para se tornar num mecanismo do Estado Nacional-Socialista (Vives, 1961, p. 52).

Dos dois principais períodos mencionados, o último, compreendido entre os anos de 1933 e 1945 pode ainda ser dividido em duas fases: uma entre 1933 e 1936 e outra entre 1936 e 1945.

A primeira fase, entre 1933 e 1936, em que a Escola alemã começou por estar sujeita à pressão do Partido Nacional-Socialista e que se caracteriza essencialmente por ser um período propagandístico. Denota-se igualmente a influência da Doutrina Racista Ariana do III Reich por Alfred Rosenberg (1893-1946), um seguidor das teorias germanófilas de Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) e de Houston Stewart Chamberlain (1855-1927), destacando-se o papel da Cartografia com o intuito pedagógico de divulgação e efetivação do ideário geopolítico a todas as camadas da população.

Os mapas elaborados a partir de então exprimiam o desejo expansionista e a supremacia racial ariana, permitindo observar, por exemplo, um aumento da população alemã na Europa

²⁴ Revista para a Geopolítica.

a partir de um critério de predominância linguística. Daqui resultava uma imagem em que as fronteiras do *Reich* se apresentavam muito mais extensas do que eram efetivamente no mapa oficial. Por outro lado, é de salientar que um dos objetivos igualmente frequentes consistia em procurar demonstrar que a Alemanha se encontrava ameaçada por todos os lados, sendo o recurso à força a única solução. Um dos mapas mais conhecidos da autoria de Ruppert von Schumacher demonstrava isso mesmo, recorrendo à utilização de cores e de sinais para destacar certos elementos em detrimento de outros, consoante a ideia a ser desenvolvida.

A segunda fase, entre 1936 e 1945, em que a Escola alemã ficou inteiramente submetida à política do III Reich como instrumento de promoção do esforço bélico e fundamentação territorial e racial. Neste contexto, será de relembrar o facto da segunda edição da obra *Grenzen in ihrer geographischen und politischen Bedeutung*²⁵ de Haushofer ter sido proibida em 1939. Na origem da proibição desta obra encontrou-se o facto de a mesma abordar a questão da população alemã do Tirol do Sul, um espaço anexado em 1919 à Itália, que sob Mussolini era a principal aliada da Alemanha de Hitler. Esta era a única região europeia em que a revisão fronteiriça conforme o princípio das nacionalidades não seria referida nem sequer reclamada. Adicionalmente, e iniciada a Segunda Guerra Mundial em 1939, verificou-se uma redução do número de páginas da *Zeitschrift für Geopolitik* e a partir de 1942 reduziram-se, de forma progressiva, as contribuições de Karl Haushofer. Os seus trabalhos resumiam-se a uma espécie de catálogo de palavras-chave, a um amontoado de títulos, nomes e datas. Em 1943, os seus artigos dedicavam-se às relações entre a Geopolítica e a Religião, a Geopolítica e a Medicina, a Geopolítica e a Etnologia, tendo-se verificado neste mesmo ano a fusão da *Zeitschrift für Geopolitik* com a revista *Schule der Freiheit*²⁶, anti-semita e anti-soviética. Já em 1944, na sua qualidade de diretor da *Zeitschrift für Geopolitik*, Haushofer recebeu a ordem de cessar a sua publicação.

3.2.2. Karl Haushofer (1869-1946): O Mentor da Escola Geopolítica Alemã

Nascido a 27 de Agosto de 1869 em Munique, Karl Haushofer entrou para o exército bávaro em 1887, tendo-se tornado oficial em 1889. Estudou topografia e geografia (bem como geologia), na linha da tradição seguida pelos oficiais generais alemães desde Helmuth von Moltke (1800-1894), passando por Albrecht von Roon (1803-1879), a Alfred Schlieffen (1833-1913), tendo lido as obras de Karl Ritter (1779-1859), Friedrich Ratzel (1844-1904) e o tratado de geografia política de Albrecht von Roon.

Era um conhecedor dos espaços da Ásia e do Pacífico. Aliás, foi da sua missão no Japão, entre 1908 e 1910, onde desempenhou funções de conselheiro como instrutor de artilharia e estudou o próprio exército japonês, que nasceu a sua vocação pela geopolítica (Haushofer, 1986, p. 160). E, neste sentido, é de referir que a sua experiência no Extremo Oriente se refletiu em obras como *Dai Nihon. Betrachtungen über Gross-Japans Wehrkraft*,

²⁵ As fronteiras no seu significado geográfico e político.

²⁶ Escola da Liberdade.

*Westellung und Zukunft*²⁷, em 1913; *Japan und die Japaner*²⁸, em 1923; *Der deutsche Anteil an der geographischen Erschliessung Japans und es subjapanischen Erdraums und deren Förderung durch den Einfluß von Krieg und Wehrpolitik*²⁹, em 1914; *Grundrichtungen in der geographischen Entwicklung des Japanischen Reichs (1854 bis 1919)*³⁰, em 1919; *Das Japanische Reich in seiner geographischen Entwicklung*³¹, em 1921 (Losano, 2007, p. 224). E foi igualmente influente no processo de reconstrução das relações culturais entre a Alemanha e o Japão³² (Losano, 2007, pp. 229-231), bem como na criação do Pacto Anti-Komintern, assinado entre os dois Estados, a 25 de Novembro de 1936, em Berlim. Talvez também por esta experiência, enquanto membro do grupo da *Zeitschrift für Geopolitik*, Haushofer tenha ficado encarregue da discussão de assuntos ligados ao Indo-Pacífico.

Doutorou-se em Geografia em 1913, sendo que em 1914 participou na Primeira Guerra Mundial. Terminada a Guerra, dedicou-se ao ensino desta disciplina na Universidade de Munique, onde teve Rudolf Hess (1894-1987) como aluno. A sua amizade com Hess veio, contudo, do mundo militar, já que ambos tinham combatido na Frente Leste durante a Guerra. Na sequência da visita de Haushofer a Hess na prisão de Landsberg, Hess apresentou-o a Adolf Hitler, líder do *National sozialistische Deutsche Arbeiterpartei*³³ [NSDAP].

Durante o III Reich, e casado com uma judia, Haushofer contou sempre com a proteção de Rudolf Hess. No entanto, a partir de 1941 perdeu o apoio deste, passando desde então a ser perseguido pelas forças do NSDAP e “tudo porque ele pretendeu impedir que a «Escola» ficasse totalmente ao serviço de Hitler” (Almeida, 1990, p. 124). Em 1944, Haushofer foi preso e enviado para Dachau, sendo que em 1945 o filho Albrecht foi morto pela Gestapo. A 10 de Março de 1946, Haushofer e a mulher Martha Meyer-Doss suicidaram-se.

3.2.2.1. Inspirações e influências no seu Pensamento Geopolítico

No atinente ao pensamento geopolítico de Haushofer, convém referir que o mesmo se inspirou principalmente em Rudolf Kjéllen (1864-1922), Friedrich Ratzel (1844-1904) e Halford Mackinder (1861-1947).

Tal como Rudolf Kjéllen (1864-1922), o inventor sueco do termo Geopolítica, Haushofer encarava a Geopolítica como sendo uma ciência autónoma com um objeto próprio e distinto do da Geografia Política, partilhando igualmente a perspetiva deste ao considerar a Geopolítica como um *Wegweiser*.³⁴

²⁷ O grande Japão. Observações sobre a defesa, a posição mundial e o futuro do grande Japão.

²⁸ O Japão e os Japoneses.

²⁹ A contribuição alemã na exploração geográfica do espaço sub-japonês do Japão assim como o desenvolvimento (destas zonas geográficas) pela influência da guerra e da política de defesa.

³⁰ Direções básicas geográficas no desenvolvimento do Império japonês (de 1854 até 1919).

³¹ O Império japonês no seu desenvolvimento geográfico.

³² Como sejam, por exemplo, as fundações do Instituto Alemão-Japonês, em Berlim, e do Instituto Japonês-Alemão, em Tóquio. De referir é ainda o facto de Haushofer se ter constituído como membro da *Deutsche-Japanische Gesellschaft* [Sociedade Germânico-Japonesa], na Baviera. Cfr. Losano, M., “La Missione Militaredi Haushofer in Giappone e la Geopolitica”, in *Rivista degli Studi Orientali*, No. 20-22, pp. 230 e 231.

³³ Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores.

³⁴ Guia prático para a ação política.

De Friedrich Ratzel (1844-1904), um geógrafo político, Haushofer inspirou-se no conceito de *Lebensraum*³⁵, adaptando-o de acordo com a sua visão ao defender a integração num corpo único dos povos da mesma língua e cultura. Tanto Ratzel como Haushofer foram Pangermanistas, adeptos da ideia de uma *Großdeutschland*³⁶, segundo um método próprio, o da Geografia Política e o da Geopolítica respetivamente.

Finalmente, em Halford Mackinder (1861-1947), Haushofer inspirou-se na ideia de *Heartland* enquanto uma massa continental dominante, situada na Eurásia, entre a Europa Oriental e a Sibéria, rica em matérias-primas, de difícil acesso, extensa área e rigoroso clima, o que permitiria tornar-se no centro do poder mundial. Influenciado por este, Haushofer acreditava que a Alemanha deveria desenvolver uma aliança com a URSS (mediante a criação de um bloco continental-marítimo, desde a Alemanha, passando pela URSS, até ao Japão). E, ao contrário de Ratzel, considerava que a competição naval era desvantajosa para a Alemanha, que se deveria concentrar no poder continental.

3.2.2.2. A Geopolítica de Haushofer, o Nacional-Socialismo de Hitler e a Guerra

Haushofer desejava ser conselheiro da política espacial germânica que seria, posteriormente, decidida e acionada por Hitler. A Geopolítica funcionaria, por conseguinte, como um guia de orientação política. Pretendia-se proporcionar um futuro melhor, evitando cometer os erros do passado, sobretudo evitar cometer os mesmos erros que tinham conduzido à humilhação da Alemanha em Versailles.

Enquanto Pangermanista, o General alemão não partilhava os ideais racistas do Nacional-Socialismo. Hitler ter-se-á apropriado da Geopolítica Haushoferiana adaptando-a à sua política. Recordando Almeida (1990, p. 124) “Hitler podia convencer multidões”, mas era “a «Escola» que convencia as elites.”

Neste contexto, será de mencionar que, em 1944, Karl Haushofer e o filho Albrecht foram presos, tendo este último sido libertado ao fim de oito semanas. O atentado perpetrado contra Adolf Hitler, a 20 de Julho, conhecido como Operação Valquíria e no qual Albrecht terá estado envolvido, acabou por conduzi-lo novamente à prisão, juntamente com o seu irmão Heinz (1906-1986), sendo que na noite de 22 para 23 de Abril de 1945 Albrecht foi assassinado pela Gestapo.

Tendo entrado em desacordo com Hitler a propósito da Operação Barbarossa que conduziria à invasão da União Soviética a 22 de Junho de 1941 e, sobretudo, a partir do momento em que Rudolf Hess viajou em Maio de 1941 e perdeu a sua proteção, Haushofer ficou exposto às perseguições do III *Reich*.

Ademais, para Haushofer, Hitler nunca compreendeu corretamente os princípios de Geopolítica que lhe foram transmitidos por Hess. Joachim von Ribbentrop (1893-1946), a quem Haushofer ensinou a analisar um mapa, foi o principal responsável pela distorção

³⁵ Espaço vital. Aqui adotado segundo a fórmula Sangue e Solo. No entanto, originalmente, o conceito referia-se aos Estados como organismos vivos, encontrando-se estes numa permanente luta pela sobrevivência na busca de mais espaço, necessário à sua realização e desenvolvimento como seres políticos. Seguindo a lógica de aplicação das leis de seleção natural, só resistem os Estados mais fortes que, assim sendo, expandem o seu *Lebensraum*.

³⁶ Grande Alemanha.

da Geopolítica na mente de Hitler que, por sua vez, utilizaria o pensamento geopolítico ao serviço da sua política Nacional-Socialista, conduzindo a uma nova Grande Guerra em 1939 e ao fim da Paz.

Esta distorção contribuiu, igualmente, para que a *Geopolitik* se tornasse uma ciência maldita e passasse a ser conotada como um instrumento de Guerra. No entanto, será de relembrar que Haushofer se recusou a rever *Mein Kampf* antes da sua publicação por considerar que esta não estava relacionada com a Geopolítica, tratando-se ao invés de um livro destinado à agitação alemã (Fernandes, 2011, p. 279).

4. Para e Pela Paz: O Contributo de Albert Einstein (1879-1955) e de Sigmund Freud (1856-1939)

4.1. O Desenvolvimento da Cultura e de Relações de Sentimento

Em 1932, um ano antes da subida de Adolf Hitler ao poder, Albert Einstein (1879-1955) sugeriu à Comissão Internacional de Cooperação Intelectual (depois Instituto Internacional de Cooperação Intelectual) a realização de uma troca de correspondência com Sigmund Freud (1856-1939) sobre o tema da Guerra. Nesta altura, já o físico alemão conhecido pelas suas posições pacifistas havia deixado de ser membro desta Comissão, à qual pertencera entre 1922 e 1931 na sequência de um convite que lhe havia sido endereçado enquanto representante da ciência alemã – recorde-se que em 1921 tinha ganho o Prémio Nobel da Física –, pese embora o facto da Alemanha apenas ter sido admitida na Sociedade das Nações em 1926.

Tendo Freud aceite o convite feito por Einstein, resultou desta troca de correspondência um fascículo intitulado *Warum Krieg?*³⁷ A escolha do título ficara ao cargo de Freud, em virtude de Einstein se encontrar nessa altura a caminho da América, tendo o psicanalista procurado um título que fosse conciso e soasse bem simultaneamente em alemão, em inglês, em francês. O fascículo foi proibido de imediato na Alemanha.

Uma leitura ao fascículo em causa poderia e poderá levar-nos a pensar que se em vez da humilhação imposta à Alemanha pela Paz de Versailles e do alheamento imposto relativamente à Sociedade das Nações, se tivesse seguido a sugestão de Freud, proposta na sua troca de correspondência com Einstein em 1932, defendendo que “tudo o que contribua para o desenvolvimento da cultura trabalha também contra a guerra” (Einstein, 2007, p. 63), talvez se tivesse colocado fim ao ódio e ao desejo de vingança, impedindo assim uma outra Grande Guerra igualmente Total.

Até porque, ainda segundo o pai da Psicanálise “dois fatores garantem a coesão de uma comunidade: a coerção pela violência e as relações de sentimento (...). Se um dos fatores vier a desaparecer pode acontecer que o outro consiga manter unida a comunidade” (Einstein, 2007, p. 48).

³⁷ Porquê a Guerra?

4.1.1. O Conhecimento de Línguas Estrangeiras

Seguindo a sugestão Freudiana destacamos a necessidade de desenvolvimento da cultura e das relações de sentimento. Adicionalmente, o conhecimento de línguas estrangeiras, constituindo-se as línguas como reflexos da história e da cultura dos povos, afigura-se como fundamental e deve ser fomentado.

Não só porque permite reduzir as diferenças, induzindo a uma maior compreensão entre os diferentes povos, como também porque contribui para o desenvolvimento de laços sentimentais – sobre os quais refere Freud “assenta (...) o edifício da sociedade humana” (Einstein, 2007, p. 57) –, na medida em que se passa a conhecer e a entender melhor o ser e o pensar do outro. Neste sentido, será de relembrar Santo Agostinho que já dizia que “Só se ama aquilo que se conhece.”

Conclusão

Tudo começou em Versailles... A proclamação do II *Reich* após a vitória alemã na Guerra Franco-Prussiana de 1870-1871 e também a assinatura a 28 de Junho de 1919 na mesma sala dos espelhos, e exatamente cinco anos depois do assassinato do Arquiduque Franz Ferdinand (1889-1914), de um Tratado de Paz que motivaria o surgimento da Geopolítica como ciência na Alemanha em 1924, a subida de Adolf Hitler ao poder em 1933, o seu também crescente poder, assim como a adesão e concordância dos alemães à política Nacional-Socialista face àquele que era o sentimento alemão pós Versailles e a situação económica, política e social da Alemanha, testemunhada pelo autor português Aquilino Ribeiro em 1920.

Efetivamente, o período de Paz de 1919 a 1939 foi o período de gestação de uma outra Grande Guerra, a Segunda Guerra Mundial, que viria a ser uma Guerra de continuação da Primeira Guerra Mundial. Na verdade, quer na Primeira Guerra Mundial quer no Tratado de Versailles a relação entre a Alemanha e a França desempenhou um papel central na condução dos acontecimentos.

As imposições alemãs à França na sequência da vitória da Alemanha na Guerra Franco-Prussiana alimentariam o desejo de vingança francês e, sobretudo, a vontade de recuperar os territórios da Alsácia e Lorena, alvo de disputa entre os dois Estados desde há séculos. Estes territórios seriam recuperados com o fim da Primeira Guerra Mundial, graças a uma das imposições do Tratado de Versailles. Ademais, a posse destas duas províncias revelou-se desde sempre apetecível para a França e para a Alemanha, dada a riqueza que as caracteriza em recursos carboníferos e de aço, recursos potenciais em função da contribuição que estes poderão dar na condução das operações tanto em tempo de Guerra como em tempo de Paz.

Com efeito, tanto a Alemanha como a França rivalizaram durante muito tempo o lugar de poder dominante no espaço europeu. Na relação entre ambas, só em 1951, com a constituição da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA) e a conseqüente comunitarização das indústrias do carvão e do aço, fundamentais à industrialização, é que a cooperação passou a prevalecer sobre a rivalidade.

Embora, o espaço europeu (e em particular os Estados que constituem a União Europeia) enfrente atualmente uma crise económico-financeira, na qual o euro – a moeda única – tem tido um papel central, certo é que graças a esta cooperação baseada na relação Alemanha-França o espaço europeu não voltou a conhecer até à data, depois da Segunda Guerra Mundial, outra Grande Guerra. Até porque os Estados com relações comerciais entre si são economicamente dependentes, o que contribui para o evitar dos conflitos.

Finalmente, na relação Alemanha-França, bem como na relação entre os outros Estados no espaço europeu, o fomento da aprendizagem de línguas estrangeiras tem desempenhado um papel fundamental na aproximação de diferentes culturas, provando que o desenvolvimento de relações de sentimento defendidas por Einstein e Freud em 1932 se mantém mais do que atual. Nem sempre um Tratado, por si só, é sinónimo de Paz. Versailles demonstrou isso mesmo. É, antes de mais, o diálogo, o estreitamento de relações, em particular de cooperação, que fomenta a Paz e afasta a Guerra...

Referências Bibliográficas

- Allen, M., 2011. *L'étrange voyage de Rudolf Hess*. Paris: Editions Perrin.
- Aly, G., 2009. *O Estado Popular de Hitler*. Alfragide: Texto Editores.
- Almeida, P., 1990. *Do Poder do Pequeno Estado: Enquadramento Geopolítico da Hierarquia das Potências*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Barrento, J., 2005. Os escritores como mediadores. *Suplemento do JL*, [Em linha], 917. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/encarte/encarte93a.htm>, [Consult. 16 mar. 2013].
- Braga, M., 1985. *Aquilino Ribeiro (1885-1963): Catálogo da Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário do Nascimento*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Bild. 2010. *NACH 92 JAHREN. Am Sonntag endet für Deutschland der 1. Weltkrieg*. [Em linha]. Berlin: Bild. Disponível em: <http://www.bild.de/politik/2010/am-sonntag-endet-fuer-deutschland-der-1-weltkrieg-14107970.bild.html> [Consult. 21 set. 2014].
- Defarges, P., 2003. *Introdução à Geopolítica*. Lisboa: Gradiva.
- Einstein, A. et al. 2007. *Porquê a Guerra?* Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Expresso. 2007. *Aquilino Ribeiro: Figura marcante da história mas sobretudo da literatura portuguesa – Filho*. [Em linha] Lisboa: Expresso. Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/aquilino-ribeiro-figura-marcante-da-historia-mas-sobretudo-da-literatura-portuguesa-filho=f118578> [Consult. 18 mar. 2013].
- Fernandes, M., 2011. O Papel da Geopolítica na Posição da Alemanha na I e na II Guerras Mundiais. *Nação e Defesa*, 129, 263-287.
- Fernandes, M., 2014. Jünger e Haffner: Contrariedades e ambiguidades nas Memórias Alemãs da I Guerra Mundial. In: Rollo., M. et al., (Coords.) *A Europa no Mundo entre as Guerras. 1919-1939* [Livro electrónico]. Lisboa: IHC/CEIS20, pp. 126-142. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/11877> [Consult. 28 set. 2014].

- Fischer, M., 2007. *Guilherme II – O Último Imperador da Alemanha*. Estoril: Principia.
- Graebner, N., Bennete, E., 2011. *The Versailles Treaty and its Legacy. The Failure of the Wilsonian Vision*. New York: Cambridge University Press.
- Haffner, S., 2005. *História de um Alemão*. Memórias 1914-1933. Lisboa: Edições Dom Quixote.
- Haushofer, K., 1986. *De la Géopolitique*. Paris: Fayard.
- Henig, R., 2002. *The Weimar Republic 1919-1933*. London and New York: Routledge.
- Hitler, A., 2003. *Mi Lucha. Mein Kampf: discurso desde el delírio*. Barcelona: Fapa Ediciones.
- Instituto Camões. S.d. *Figuras da Cultura Portuguesa: Aquilino Ribeiro*. [Em linha] Lisboa: Instituto Camões. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/1398-aquilino-ribeiro.html> [Consult. 18 mar. 2013].
- Instituto Português do Livro e das Bibliotecas. S.d. *Biografia Aquilino Ribeiro*. [Em linha] Lisboa: IPLB. Disponível em: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9659> [Consult. 18 mar. 2013].
- Jünger, E., 2005. *A Guerra Como Experiência Interior*. Lisboa: Editora Ulisseia.
- Losano, M., 2007. La Missione Militare di Haushofer in Giappone e la Geopolitica. *Rivista degli Studi Orientali*, 20-22, 223-236.
- Lichtenberger, H., 1923. *Relations Between France and Germany*. Washington: Endowment.
- Milza, P., 2007. *As Relações Internacionais. De 1918 a 1939*. Lisboa: Edições 70.
- Murphy, D., 1997. *The Heroic Earth. Geopolitical Thought in Weimar Germany, 1918-1933*. Kent, Ohio: The Kent State University Press.
- Opitz, A. (Coord.), 1998. *Sociedade e Cultura Alemãs*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Patrício, R., 2007. *As Relações em Eixo Franco-Alemãs e as Relações em Eixo Argentino-Brasileiras*. Génese dos Processos de Integração. Lisboa: ISCSP.
- Público. 2007. *Aquilino Ribeiro vai partilhar a sala do Panteão Nacional com Humberto Delgado*. [Em linha] Lisboa: Público. Disponível em <http://www.publico.pt/politica/noticia/aquilino-ribeiro-vai-partilhar-a-sala-do-panteao-nacional-com-humberto-delgado-1305225> [Consult. 18 mar. 2013].
- Público. 2007. *Restos mortais de Aquilino Ribeiro vão para o Panteão Nacional*. [Em linha] Lisboa: Público. Disponível em: <http://www.publico.pt/cultura/noticia/restos-mortais-de-aquilino-ribeiro-va-para-o-panteao-nacional-1288718> [Consult. 18 mar. 2013].
- Ribeiro, A., 1975. *Alemanha Ensanguentada*. Amadora: Livraria Bertrand.
- Ribeiro, A., 2008. *Um Escritor Confessa-se*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Schulze, H., 2005. *Breve Historia de Alemania*. Madrid: Alianza Editorial.
- Silva, A., s.d.. A Geopolítica Alemã na República de Weimar: O Surgimento da Revista de Geopolítica, [Em linha]. Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/estgeo/article/viewFile/265/221> , [Consult. 15 fev. 2009].

- Vives, J., 1961. *Tratado General de Geopolitica*. Barcelona: Editorial Vicens-Vives.
- Tuathail, G., 2006. *The Geopolitics Reader*. London and New York: Routledge.
- Weitz, E., 2007. *Weimar Germany. Promise and Tragedy*. New Jersey: Princeton University Press.
- Yale Law School. 2008. *The Versailles Treaty June 28, 1919*. [Em linha] New Haven: YLS. Disponível em: <http://avalon.law.yale.edu/imt/parti.asp> [Consult. 16 mar. 2013].